



Experiência agroecológica em uma Escola Caiçara: valorização dos saberes tradicionais no Território de Matariz - Ilha Grande, RJ

Agroecological experience in a Caiçara School: valuing traditional knowledge in the Territory of Matariz - Ilha Grande

CABRAL, Julia Marinho¹; PENAJÓIA, Yan²; PORTO, José Renato Sant'Anna³
¹Graduanda em Geografia pelo IEAR/UFF, juliamarinho@id.uff.br; ² Mestrando em Geografia, pelo POSGEO/UFF. ³ Professor do Departamento de Geografia e Políticas Públicas, do Instituto de Educação de Angra dos Reis (DGP/IEAR)

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente trabalho busca relatar a experiência vivenciada por estudantes e professores da Universidade Federal Fluminense em Angra dos Reis, no território de Matariz, Ilha Grande - RJ. As experiências são fruto de um projeto de extensão "Agricultura e saberes tradicionais na Ilha Grande: construindo a agroecologia no território do Bananal e Matariz". Juntamente com a comunidade de Matariz, o Instituto de Pesquisas Marinhas e Recursos Renováveis (IPEMAR), a Escola Municipal Brasil dos Reis e a comunidade acadêmica do IEAR/UFF, através do Núcleo de Estudos em Agroecologia Incentivando Práticas, Integrando Movimentos (NEA Aipim), foi desenvolvido um trabalho de educação ambiental e agroecologia, lançando mão dos saberes populares e tradicionais presentes na cultura e no território caiçara, tendo como resultado um projeto coletivo de circulação, fortalecimento e valorização de saberes na agricultura caiçara.

Palavras-chave: educação agroecológica; agricultura; saberes tradicionais; educação caiçara.

Introdução

A agroecologia, para além de um manejo agrícola ecológico, é constituída a partir dos saberes tradicionais das populações que possuem uma relação direta com a terra. Para além da prática, é um movimento político que busca a valorização do modo de vida dos povos tradicionais e camponeses e seus saberes, buscando o bem viver (WEZEL, 2009, ANA, 2018). Entende-se por saberes/conhecimentos tradicionais, neste trabalho, na perspectiva define "conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer— a respeito do mundo natural, sobrenatural — gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos, em geral, oralmente de geração em geração" (ARRUDA, DIEGUES, 2001, p.31).

No contexto das transformações espaciais e de um modo de vida padronizado e globalizado, em alguns territórios tem-se enfraquecido as memórias e práticas ancestrais. A relação com a terra tem se esvaído frente às dinâmicas da modernidade e a indústria alimentícia que tem como fundamento a facilidade e praticidade, mas em contrapartida gera o distanciamento das pessoas com seus alimentos, suas essências e modos de vida ligados à terra. Leonardo Boff nos diz que esse distanciamento com a alimentação, desenfreado na "cultura contemporânea modificou de tal forma a lógica do tempo cotidiano em função do



trabalho e da produtividade que enfraqueceu a referência simbólica da mesa” (2006, p. 10).

Nesse sentido, buscando fortalecer o modo de vida tradicional, que possui seu próprio tempo e espaço e formas de se relacionar com a terra, com o trabalho e a própria vida, a proposta do projeto “Agricultura e saberes tradicionais na Ilha Grande” é de fomento e circulação da memória biocultural (TOLEDO, BARREIRA-BASSOLS, 2015), da tradição agrícola e das práticas de produção da agrobiodiversidade que as comunidades caiçaras da Ilha Grande possuem, através de ações de educação e agroecologia na Escola Brasil dos Reis, localizada na Praia de Matariz, na Ilha Grande, em Angra dos Reis – RJ.

Metodologia

O projeto em questão teve início em meados de 2018, ainda como atividade de intercâmbio e articulação promovida pelo NEA Aipim para de diálogos, trocas de saberes e experiências agroecológicas com a comunidade através de oficinas, mutirões e reuniões no território de Matariz e Bananal. É importante destacar a parceria fundamental do Instituto de Pesquisas Marinhas, Arquitetura e Recursos Renováveis (IPEMAR) no desenvolvimento do projeto e na parte logística, oferecendo transporte marítimo do continente para a Ilha, alimentação e apoio à infraestrutura no local onde foram realizadas as atividades. Neste ciclo de aproximação, que durou 6 meses, foi implantada uma horta agroecológica na comunidade, na área da antiga fábrica de sardinha de Matariz, caminho cotidiano e de circulação da comunidade. Esse movimento, de engajamento e mobilização, colaborou com a sequência da iniciativa, que se estruturou enquanto um projeto de extensão no ano seguinte, com um trabalho voltado para educação e agroecologia.

Nesse sentido, em 2019, estudantes e professores do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR/UFF), dos cursos de geografia, pedagogia e políticas públicas, realizaram um planejamento de oficinas quinzenais na escola Brasil dos Reis e também em visitas aos quintais de famílias da comunidade de Matariz, preferencialmente acompanhados dos pais, mães, familiares de alunos(as) da escola. Com o objetivo de estreitar a relação que a comunidade, a equipe do NEA Aipim, já tinha com a prática agroecológica, e estimular as crianças a compreender o lugar delas dentro daquele território enquanto caiçaras, com o debate permanente sobre a importância das comunidades tradicionais, agricultura e conservação da natureza.

Na perspectiva do recorte temporal escolhido, as atividades passaram a ser desenvolvidas com a Escola Municipal Brasil dos Reis, uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, com duas turmas multisseriadas. A faixa etária dos alunos era entre 4 a 11 anos de idade.

O desenvolvimento da atividade diretamente no contexto escolar teve ao total 6 encontros, sendo o **1º Encontro** para estabelecer um diálogo com a escola e fazer



um reconhecimento do território escolar e dos arredores. Nessa primeira atividade a equipe do NEA Aipim solicitou aos alunos que levassem no encontro seguinte alguma muda de plantas que as famílias cultivavam em casa, no jardim, no quintal, para que pudessemos utilizar as plantas levadas no encontro seguinte. No **2º Encontro** a equipe do projeto juntou as duas turmas numa sala para contextualizá-las das atividades que iriam ser desenvolvidas ao longo do semestre, apresentando um planejamento coletivamente. No segundo momento, os alunos da escola, juntamente com a equipe do projeto, foram para a parte externa da escola, para a realização de uma atividade com as mudas trazidas dos quintais. A atividade foi feita em roda e em rodadas. Cada rodada um dos alunos ia até o centro e tinha os olhos vendados. Uma muda era entregue para o estudante da vez e o mesmo tinha que adivinhar, usando os sentidos (olfato e tato) para descobrir qual era a muda que estava em sua mão, contando para isso com dicas que eram dadas pelos outros participantes da roda.

Os alunos tinham levado mudas de manjeriço, tomate, boldo, salsinha, capim limão, entre outras. Depois de concluídas as rodadas da brincadeira, a equipe do NEA Aipim levou os alunos para fora da escola, nos arredores, para plantar as mudas usadas durante a atividade. Ao final do dia, o grupo retomou a sala de aula para conversar e escrever um texto coletivo sobre tudo que aconteceu no dia, como estratégia de engajamento e também de sistematização.

O **3º encontro** foi realizado dentro da escola, devido ao tempo chuvoso no dia. O grupo organizou uma gincana de caça ao tesouro com mudas de cacau, que foram dadas por uma mãe de aluna. A brincadeira foi organizada na sala, dividindo dois grupos das turmas e depois de formados, os estudantes desenharam um mapa da escola no quadro, o “mapa-tesouro”. Com as mudas de cacau escondidas, os estudantes criaram pistas para os alunos seguirem, como “onde posso jogar futebol com as mãos?” para que eles fossem até a mesa de totó pegar a próxima pista e assim por diante. O grupo vencedor da gincana ficou responsável por plantar as mudas de cacau. Além da brincadeira, também foi passado um filme sobre “Os três Rs - Reciclar, Reduzir e Reutilizar” e, no terceiro momento, foi conversado com os alunos sobre a proposta de ser feita uma composteira para a horta que já havia na escola. Os alunos foram instruídos sobre o que vai e o que não vai na composteira e sobre a importância de separar e reaproveitar o lixo. Por fim, foi realizado o momento da escrita coletiva no quadro, mantendo a dinâmica de articulação e animação do projeto.

No **4º Encontro** as crianças puderam ouvir contação de histórias de livros encontrados na biblioteca do colégio sobre uso e preservação da água e outros relacionados à questões ambientais, sobre poluição e meio ambiente. Após as histórias e uma conversa sobre como pode ser feito o reaproveitamento do lixo, os alunos se dividiram em grupos e foram guiados para fora da escola, nos arredores. Houve um momento de mutirão de coleta de lixo próximo à escola e na praia. Depois foi realizada uma confecção de brinquedos com materiais reutilizáveis, parte deles dos resíduos que foram encontrados na praia. Os alunos fizeram um boliche, utilizando garrafas pet para fazer os pinos, e um coco encontrado como bola. Foram



elaborados também vários tabuleiros de “jogo da velha” feitos com caixa de ovo e tampinhas diversas, e outros brinquedos que após o processo criativo da confecção foram integrados a outros brinquedos que haviam na escola. O momento seguinte buscou integrar a discussão sobre o tempo de decomposição dos materiais e o impacto para o solo. Foi abordado para as crianças sobre a formação do solo e o processo de reciclagem da matéria orgânica por meio da compostagem, demonstrando-a como um processo que melhora a estrutura do solo e como um destino útil para os resíduos domésticos e da escola. As atividades do dia foram finalizadas com o texto coletivo.

O **5° Encontro** foi o dia de levar os alunos para fora da escola e fazer uma visita ao quintal da mãe de uma aluna, a Dona Ivone, e revisitar a horta feita pelo NEA Aipim, chamada pelos moradores de “horta do barracão”. No momento inicial, foi conversado com as crianças sobre a composteira que iria ser construída no mesmo dia após as visitas. Logo em seguida, o grupo saiu da escola em direção às hortas. A horta do barracão estava trancada, então não foi possível entrar com os alunos no dia, mas foi possível observar que ela estava bem cuidada e foi relatado por moradores que alguns jovens faziam o manejo da horta. Após a observação do primeiro ponto da caminhada, o grupo foi em direção ao quintal da Dona Ivone que recebeu os alunos e mostrou o que ela cultivava lá. O quintal tinha um cercado para o galinheiro feito de bambu, uma horta suspensa feita do mesmo material com várias plantas cultivadas como salsinha, cebolinha, coentro e couve. No fundo do quintal tinha cultivo de milho e cana. Ela mostrou para o grupo algumas mudas cultivadas em caixas de leite, como as que ela tinha doado para o grupo em algumas atividades na escola. O momento seguinte foi de retorno à escola e da elaboração da composteira. A equipe do NEA Aipim, junto com o zelador da escola, cavou um buraco na área externa à escola e foi explicado para a comunidade escolar como funcionava aquele tipo de composteira, como também sobre os processos e etapas da compostagem. Também foi conversado com as merendeiras sobre a separação do lixo orgânico para destiná-lo à composteira. Todos da comunidade escolar abraçaram a ideia. Ao final das atividades houveram brincadeiras e o texto coletivo.

O **6° Encontro** do semestre ocorreu após a semana de provas do colégio. Como se tratava do processo de finalização do projeto e também do período letivo, a equipe do NEA Aipim elaborou um “rio do tempo”, metodologia de lembrar os processos, com fotos e frases sobre as atividades realizadas ao longo da trajetória do projeto e das atividades desenvolvidas. Após a atividade, a equipe do projeto realizou uma confraternização de encerramento do semestre com os alunos e toda a comunidade escolar. A ideia era seguir com o projeto em 2020, após as férias, o que não foi possível devido a pandemia de COVID-19, que inviabilizou as atividades em 2020.

Resultados e Discussão

Foi possível observar durante toda a experiência do projeto na Ilha, que, embora o contexto seja de forte desincentivo à agricultura, há ainda uma forte relação com a terra que a comunidade de Matariz mantém. Desde os anos 1990, a criação das



Unidades de Conservação na Ilha Grande (em particular com o Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG), desempenhou importante papel na conservação dos ambientes naturais. Por outro lado, as ações dos órgãos ambientais obedeceram a critérios arbitrários, ignorando a cultura local, historicamente vinculada à agricultura tradicional, gerando processos de inibição das práticas das comunidades e, por vezes, implicando até mesmo a expulsão de seus territórios. Em segundo lugar, cabe também destacar a influência do turismo na Ilha, que se intensifica ano a ano e também opera como elemento desagregador das atividades e práticas agrícolas tradicionais nas vilas caiçaras.

No contexto do projeto, observamos que as sabedorias dos comunitários e comunitárias sobre diversas plantas e ervas medicinais, algo que sempre se destaca vir da transmissão oral, sobretudo com pessoas mais velhas, que ensinam os mais novos desde a infância, nos incentivou a aproveitar o mesmo repertório e procurar aproximar estudantes da escola com as pessoas mais velhas da comunidade, tomando os quintais e sua agrobiodiversidade (ALMADA, SOUZA, 2017) como espaço de vivência e aprendizagem.

Os alunos da E. M. Brasil dos Reis, em diversos momentos demonstravam esses conhecimentos, falando sobre como suas famílias, por exemplo, curavam um resfriado com determinada erva, usavam chá para algum outro problema da saúde, etc. Ao longo dos encontros a participação e familiaridade que as crianças tinham com as temáticas levantadas chamou atenção para a presença da roça na vida delas, sempre havendo um ou mais alunos relatando experiências com agricultura junto às suas famílias. Nas caminhadas e conversas externas à escola, o grupo pode observar esses aspectos através das próprias práticas realizadas no território. Apesar de haver uma frequente ida ao continente para a compra de alimentos, a comunidade faz uso da pesca e da agricultura como base na cultura alimentar.

Conclusões

A agricultura é parte fundamental do modo de vida caiçara. Juntamente com a pesca artesanal, possui um papel estratégico na garantia de segurança alimentar dessas comunidades, que vivem em locais remotos, de difícil acesso. O NEA Aipim tem como proposta desenvolver ações e projetos nesses territórios como estratégia para conhecer e fortalecer a cultura tradicional, os agroecossistemas das comunidades tradicionais e as práticas de etnoconservação da natureza. Nesse sentido, projeto se inscreve no eixo de atuação¹ “agrobiodiversidade, quintais agroecológicos e educação”, procurando desenvolver ações a partir da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão. Por fim, cabe destacar a dimensão do diálogo de saberes e do ato contínuo e circular dos processos educativos que se constroem pelas linguagens e gramáticas da educação popular freireana (da qual somos tributários e aprendizes cotidianos), no sentido dos muitos

¹ Além deste eixo, o NEA Aipim desenvolve trabalhos no eixo “construção social de mercados e práticas populares de comercialização de alimentos agroecológicos”, sobretudo com o projeto Cestas Agroecológicas.



aprendizados compartilhados entre integrantes do NEA Aipim, da comunidade de Matariz e da Escola Brasil dos Reis. A oportunidade de vivenciar e aprender com as sabedorias tradicionais das comunidades caiçaras sobre cultivo, propriedades medicinais de plantas, a sazonalidade de culturas, alimentação, entre outros conhecimentos partilhados durante as vivências é de grande valia para construção do conhecimento em agroecologia no âmbito do NEA Aipim e, além disso, fortalece a agenda da extensão universitária², que é a perspectiva e orientação política e institucional do Instituto de Educação de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense, para sua consolidação no território da Baía da Ilha Grande.

Agradecimentos

Agradecemos a toda comunidade da Praia de Matariz, em especial a E. M. Brasil dos Reis que abriu as portas para que pudéssemos desenvolver as atividades. Agradecemos também ao IPEMAR, pela parceria que foi fundamental para o desenvolvimento do projeto com todo apoio oferecido.

Referências bibliográficas

ALMADA, Emanuel; SOUZA, Mariana. **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. 1. ed. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017.

ANA, Articulação Nacional de Agroecologia. Encontro Nacional de Agroecologia. **Carta política IV Encontro Nacional de Agroecologia: agroecologia e democracia unindo campo e cidade**. Belo Horizonte, MG. 2018

ARRUDA, Rinaldo Sergio V.; DIEGUES, Antonio Carlos. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

TOLEDO, Vitor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural. A importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2015

WEZEL, Alexander et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, vol. 29, p. 503–515, 2009.

BOFF, Leonardo; **Comensalidade: refazer a humanidade**. América Latina em Movimento, 2008. Disponível em <<https://www.alainet.org/pt/articulo/127031?language=en>> . Acesso em 16 de julho de 2023.

² Assista o [vídeo](#) e saiba mais sobre o projeto político institucional do IEAR/UFF.